

**Argumento:** "Na Longa Estrada"

**Autor:** Alexandre Lobão / Jean Okada

**Personagens:**

- Carniça: Personagem criado por Jean Okada

===== Carniça 00 - Na Longa Estrada =====

Carniça (C) andando, na dúvida, falando alto consigo mesmo.

(C) - Será que é isso mesmo que eu quero?

(C) - Bom, vamulá. A gente tem que ser forte.

Carniça para na frente da agência de empregos do Governo de SP (tem que pesquisar, a de BSB sei como é!)

- Bom, agora que já estou aqui, vou ter que entrar.

Carniça fala com uma atendente que está procurando emprego. Ela manda pegar uma senha e esperar. Ele pega uma senha e olha: número 357.

(C) - Que número deve tá?

Ele vê o sinal tocando e o número da próxima senha a ser atendida mudando para 26. Cai sentado em uma cadeira.

Carniça aborrecido.

Carniça olhando o relógio.

Carniça impaciente.

A senha continua 26.

Do lado dele, um celular toca e um homem (H) fala:

(H) - O que, agora? Mas estou aqui desde cedo! Não dá para esperar mais meia hora? ... Tá bom, tá bom, estou indo!

O homem sai com raiva e joga sua senha no lixo. Carniça disfarça e pega a senha: número 29.

Ele cai de joelhos, de braços abertos e grita:

(C) - Deus existe!!!

Carniça é chamado. Uma mulher (M) na frente do computador pergunta a ele o que ele sabe fazer. Carniça dá um sorriso charmoso.

(C) - Ah, eu faço qualquer coisa! Escolhe um trampo aí que você ache que tem a minha cara!

(M) - Deixe-me ver... Temos uma vaga para palhaço em uma empresa de animação de festas!

Carniça emburrado.

(C) - Não, não, obrigado!

(M) - Por que não? Você parece levar jeito com crianças?

Carniça lembrando de uma festa de crianças: Ele, vestido de palhaço, enfia o bolo na cara de um adulto que está brigando com ele. Algumas crianças choram e outras riem.

(C) - Já tentei isso, mas... Ah, não deu muito certo, não...

(M) - OK. Temos também uma vaga para mestre de obras!

Carniça lembrando de uma casa torta ou sem portas, com um engenheiro brigando com ele enquanto aponta para a planta da casa e para a casa construída.

(C) - .....também não deu muito certo, não...

(duas horas depois)

Mulher descabelada, Carniça balançando a cabeça.

(M) - Deixe-me adivinhar: você já tentou isso também, mas simplesmente não deu certo!

(C) (sem graça) - Erhr...

(M) - Sinto muito, meu amigo. Não há mais nenhuma vaga!

(C) - Bem, obrigado de qualquer jeito!

Carnaça sai e, pensando alto, chega à conclusão que o problema deve ser a cidade de São Paulo: É muito trânsito, muita gente, muitas coisas que acabam gerando confusão, e ele sempre leva a culpa!

Decide procurar ganhar a vida em outra cidade.

Lembra de um amigo do ginásio que mora em Brasília. Pelo telefone, ele descobre que o amigo agora é militar, e está servindo no regimento da Guarda Presidencial, os Dragões da Independência. ("Que chique, heim, cara?"). Convence o amigo a deixar ficar na casa dele enquanto procura emprego.

Carnaça vai a Brasília e fica morando com o amigo. Uma semana sem novidades.

O amigo, então, pede um favor a Carnaça: que o substitua no turno de guarda em uma manhã de quarta-feira. Nada acontece, tudo o que ele tem que fazer é botar o uniforme mais simples e ficar na guarida durante o dia inteiro. O amigo (Silveira) quer sair com a namorada, pois é aniversário dela e não o liberaram de prestar serviço no Palácio do Planalto. Segundo ele, ninguém olha quem está na guarida, não tem perigo de notarem nem nada de excepcional acontecer.

Carnaça quer tirar o corpo fora, mas o amigo oferece R\$ 50,00 e diz que ele pode usar o carro dele, pois ele vai sair com o carro da namorada. Carnaça topa.

Depois de duas horas quase dormindo na guarida, aparece um sargento e, sem prestar atenção em quem está na guarida, diz que ele vai ter que substituir um outro soldado que ficou doente, na guarda de honra, para a recepção do presidente de Guana (país imaginário da África. Na verdade, "guana" ou "guano", se não me engano, é o nome que se dá às fezes dos morcegos). Carnaça fica desesperado mas não tem escolha; saiu da guarida tentando esconder o rosto com o capacete. O sargento passa a ele as roupas do soldado que adoeceu e pede para ele se apressar.

Na hora de assumir os postos nos lados da rampa do palácio do Planalto, Carniça já se enrola com os comandos e começa a chamar a atenção do sargento, que olha de longe. Quanto o presidente estrangeiro chega, o nosso presidente desce a rampa e Carniça começa a cochichar com o guarda do lado ("Cara, é o presidente, que demais! Será que ele me dá um autógrafa?"); e não consegue ficar parado porque fica se coçando, depois espantando uma mosca, depois não agüenta o peso da arma na posição de "apresentar armas". De longe, o sargento, furioso, quer descobrir quem é aquele idiota. Procura na escala de serviço e acha o nome de Silveira. "Mas aquele não é o Silveira! Isto não está me cheirando bem..." Quando os presidentes entram e os soldados se recolhem a um vestiário, o sargento (S) aparece e grita para ele:

(S) - Ei, você! Quem é você? Onde está o Silveira??  
Carniça faz uma cara de "me pegaram!!", e, apenas com as calças do uniforme e uma camiseta, sai correndo pelos corredores do palácio do Planalto com o sargento atrás.

Vira uma esquina e entra de uma vez em uma sala, onde os dois presidentes estão conversando.

Vários seguranças se atiram sobre os presidentes, para protegê-los, enquanto outros puxam as armas.

(C) - OPS... Desculpe, porta errada!  
- Ô, desculpaí! Porta errada!

Carniça sai correndo apavorado pelo corredor, e dá de cara com o sargento. Vira e vê os seguranças. Consegue entrar em outra sala e bloqueia a porta com um armário, enquanto vários funcionários olham para ele assustados.

Os agentes e o sargento arrombam a porta a tempo de ver Carniça pulando pela janela, dentro do laguinho do Palácio do Planalto.

Como Carniça logo descobre, o lago só tem 3 palmos de profundidade.

Carniça corre para o carro e foge, enquanto os seguranças e o Sargento gritam pela janela, pulam no lago mas não conseguem alcançá-lo. Alguns turistas japoneses que passam por ali tiram fotos.

-----

Silveira(Si) chega em casa. É noite.

(Si) - Carniça?

Ele anda pelos cômodos, acende luzes.

- Carniça, como é que foi lá? Tudo em ordem?

Ele retorna à sala do apartamento e vê um bilhete em cima da mesa.

- Carniça?

-----

Carniça está saindo do bloco de apartamentos, andando entre as árvores. De repente, escuta um grito vindo do terceiro andar.

- CARNIÇA!!!!!!!!!!!!

Carniça correndo, de costas, ao longe.

Aqui no finalzinho, meu pitaco não é sobre a fala do Carniça, é outra coisa. Acho que não há necessidade de dizer, ou mesmo sugerir, que o personagem vai para outros lugares. A história ficou legal por mostrar coisas imprevisíveis (e engraçadas)acontecendo com o Carniça, acho que seria bacana manter esse lance de imprevisibilidade. Assim, a cena ficaria mais simplificada,

apenas com o Carniça correndo e o amigo dele gritando em off. Poderia ter a fala do Carniça também, mas acho até que poderia ser cortada.

(C) - Acho que vou tentar a sorte no Nordeste... Ou no Sul... Em qualquer lugar, desde que seja longe daqui!

- Acho que vou tentar a sorte em outro lugar, desde que seja bem longe daqui!

FIM